



A Escola de Atenas, pintura de Rafael Sanzio (1483-1520). renascentista italiano.

Da sabedoria chinesa à perfectibilidade de Rousseau

FERNANDA NICZ

Aos olhos daqueles que, como eu, acreditam que se está nesse mundo para evoluir e que evoluir significa aprender/aprimorar-se, é suposto vida (relações, circunstâncias e situações) ser escola. Eterno lapidar-se.

Num passado distante, o filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau discorreu sobre perfectibilidade; não como o tornar-se perfeito, mas como a capacidade do ser humano de aperfeiçoar-se ao longo da vida.

Os mestres chineses definem o homem sábio como sendo aquele que observa e segue as leis (gratuitas) da natureza. “A água vai pelo caminho mais fácil”, “o bambu curva-se no vendaval para não quebrar e sua maior qualidade é o vazio interior”, “as folhas caem, o tronco fica” e por aí vai. Mas, destas lições, só usufruem os que se recusam viver “no automático”. Para enxergar presentes, é imprescindível reaprender a estar presente no momento presente.

Vale lembrar que experiência não se transfere, adquire-se e que sabedoria não é acúmulo de conhecimentos, mas disponibilidade e vontade de observar e assimilar.

E, se está atento exatamente agora, sabe que, neste momento, alterações climáticas em diferentes continentes denunciam porquê clama o Universo; mudanças são urgentes no modo de vida, valores e na relação com o todo. A consciência de unidade ou emerge de vez ou se assistirá à inevitável destruição do espaço.

E por onde começar?

Primeiramente é preciso mudar (despertar e reeducar) as pessoas para que estas mudem a sociedade e então, o mundo. Processo demorado e difícil, mas não impossível. E como se mudam pessoas?

Rousseau (novamente) acreditava que um novo formato de educação seria o caminho para formar um novo homem. Segundo ele, as instituições educativas tradicionais corrompiam e tiravam a liberdade.

Aí vem em mente uma frase – de autoria de Neale Donald Walsch – que me lembra uma fase de descobertas; *os maiores aprendizados acontecem, de fato, fora da zona de conforto*. E foi exatamente muito longe do meu “porto seguro” que, em 2014, numa longa viagem por Itália e Portugal, deparei-me com diferentes maneiras de estar no mundo e conheci projetos inovadores voltados à educação.

Vale ressaltar, por óbvio, que sair da zona de conforto não implica necessariamente mudança de espaço. Mas, para “reinventar a sociedade”, rever valores, aplicar novos conceitos e reformas é fundamental deixar de olhar apenas para si e seu entorno e enxergar um pouco mais além da zona de conforto/segurança. Viver não pode ser apenas fazer parte de um todo, mas fazer sua parte dentro deste todo. **❶**